



Maurício (PDT), Cardoso (PSDB), Lucena (PMDB), Suplicy (PT) e Bisol (PSB): a oposição promete reagir se o Governo formar seu bloco

# Senadores resistiram a bloco

27 FEV 1992

CORREIO BRAZILIENSE

Os líderes dos partidos de oposição no Senado anunciaram o compromisso de constituírem um bloco da maioria se vier a ser formalizado o bloco do Governo. PMDB, PSDB, PDT, PT e PSB, em nota assinada pelos seus líderes, condenaram a formação de blocos parlamentares por considerarem que a consolidação do regime democrático passa pelo fortalecimento dos partidos. Entretanto, assumiram o desafio de se unirem em resposta à ação do Governo, para provarem que a maioria no Senado é da oposição.

Reunidos em um agrupamento, esses partidos terão 43 senadores, acima, portanto, da maioria absoluta, que é de 41. O Governo, por sua vez, se conseguir formar um bloco com a adesão do PFL, PRN, PDC, PTB e PDS ficará com apenas 38 senadores. "É um aviso aos navegantes, uma advertência às forças que apóiam o Governo, no sentido de que a maioria no Senado está com a Oposição. Somos contra a radicalização, mas se fizerem um bloco,

faremos o nosso", avisou o líder do PMDB, Humberto Lucena. "Somos o bloco antibloco", arrematou Maurício Corrêa, líder do PDT.

**Divergências** — Lucena, Corrêa, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Eduardo Suplicy (PT) e José Paulo Bisol (PSB) não têm a intenção de formar um bloco, a menos que sejam impelidos a essa situação. Eles sequer analisaram a hipótese de votarem unidos, por força de estarem abrigados em uma só frente. "Temos tido comportamento coordenado, embora haja situações em que divergimos", explicou Maurício Corrêa. "Esses partidos sempre procuraram uma ação coordenada e vão continuar assim. Há divergências momentâneas, mas na maioria do tempo houve ação coordenada, votamos conjuntamente", disse Suplicy, ao não demonstrar muita preocupação em acompanhar os passos do PMDB ou do PSDB. "Se o bloco da maioria vier a se formar, teremos sempre reuniões prévias em cada caso para ver se

votaremos harmonicamente ou deixaremos a questão em aberto", prevê Humberto Lucena. Nenhum dos líderes deu muita importância ao fato recente de, por exemplo, terem adotado posturas distintas na votação da rolagem das dívidas dos estados.

"Existe apenas uma questão que hoje é consenso entre nós: somos todos contra blocos", resumiu José Paulo Bisol. Fernando Henrique, por outro lado, colocou uma preocupação com a formação dos blocos: "Estamos em um retrocesso brutal. Voltamos à Arena e ao MDB". O líder do PSDB quer acreditar que do outro lado (o do Governo) "as pessoas são inteligentes também e possam ver o que nós estamos mostrando: vocês vão arrumar sarna para se coçar". Ele deixou claro que teme uma radicalização no Senado.

Humberto Lucena parecia ser o mais interessado na divulgação da nota e na explicação do movimento que ocorria junto às Oposições no Senado. Frisou várias

vezes que defende a atuação isolada dos partidos, mas a reação à ação do Governo virá rápida. A reunião para divulgação da nota foi marcada para as 15h de ontem em seu gabinete. Ansioso, aguardava um a um.

O primeiro a chegar foi Suplicy, seguido de Bisol e, finalmente, Fernando Henrique. Todos aguardavam a chegada de Maurício Corrêa. A cada cinco minutos, Lucena saía de seu gabinete e buscava informações, com sua secretária, sobre o paradeiro do líder do PDT. "Ele está a caminho", respondia-lhe a secretária. Quase meia hora depois, Lucena saiu pela quarta vez e a secretária disse: "O senador Maurício Corrêa está vindo, já saiu da casa dele". Lucena não acreditava no que ouvia: "Casa? Que casa? Ele não está no gabinete? Não é possível!", disse ao esperar ainda mais ansioso por Maurício Corrêa, o único que ainda não havia assinado a nota conjunta dos líderes e que, com seus cinco votos, tinha peso muito especial.